

MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

Maria Julia Hunzicker Amaral Porfirio da Silva<sup>1</sup>

A obra *A República das Milícias, dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, organizada por Bruno Paes Manso, é dividida em dez capítulos relacionados à milícia no Rio de Janeiro, sendo eles: O primeiro, apenas um miliciano. O segundo, os elos entre o passado e o futuro. O terceiro, as origens em Rio das Pedras e na Liga da Justiça. O quarto, fuzis, polícia e bicho. O quinto, facções e a guerra dos tronos. O sexto, Marielle e Anderson. O sétimo, as milícias 5g e o novo inimigo em comum. O oitavo Cruz, Ustra e a ascensão do capitão. O nono, Ubuntu. E, por fim, o décimo trata das notas usadas pelo autor. Desta maneira, objetiva-se fazer um recorte histórico sobre os esquadrões da morte e a era Bolsonaro trazidas pelo autor, analisando perspectivas democráticas, seus avanços e desafios atuais.

Os Esquadrões da Morte eram considerados organizações clandestinas que atuavam na década de 1960 e há dificuldades de se obter informações a respeito delas. Apesar desses limitadores, algumas evidências e fatos permitem afirmar, com certa precisão, como elas aparecem. No início, suas ações trouxeram a sensação de maior segurança social, o autor defende demonstrando ser um mal necessário, uma vez que parte considerável da população apoiava esses grupos exterminadores de criminosos que espalhavam tanto pânico na sociedade, atribuindo aos integrantes dos esquadrões um caráter heroico e tornando-os praticamente intocáveis pela justiça. Logo, as condições estavam favoráveis para se criar uma organização resultante das anomalias burocráticas, do contexto político autoritário da época e do apelo irracional por maior segurança social, a qualquer preço.

Os altos índices de criminalidade e o sentimento de insegurança da população no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, situação semelhante à do estado de São Paulo, podem ser considerados motivos para o surgimento do esquadrão da morte no estado do Rio de Janeiro.

A Era Bolsonaro é destacada na obra com a relação de Fabrício Queiroz, Adriano da Nóbrega e Ronnie Lessa. Os três destaques foram protagonistas de forma violenta de uma gestão de território que tomou corpo nos últimos vinte anos e ganha no livro um retrato por inteiro: as milícias. Adriano da Nóbrega fazia parte do alto comando da organização miliciano do Rio de Janeiro. A mãe do ex-policial, Raimunda Veras Magalhães, e a ex-mulher Danielle Mendonça da Costa estão entre os funcionários contratados pelo gabinete de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). O responsável por operar o esquema das rachadinhas seria o miliciano e ex-assessor parlamentar Fabrício Queiroz, amigo da família Bolsonaro.

<sup>1</sup>Graduanda do 3º ano de História do Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO/Bauru/SP). Resenha elaborada sob a orientação da Prof.ª Dra. Lourdes M. G. C. Feitosa.

Fabrizio Queiroz sempre foi um soldado fiel de seu comandante Jair Bolsonaro. Um mero sargento reformado do subúrbio carioca que, se rompesse seu silêncio, com um simples sopro teria força para derrubar as estruturas do frágil castelo de cartas que sustentava a república das milícias (MANSO, p. 68). Queiroz foi preso preventivamente na manhã de 18 de junho de 2020, em decorrência da investigação sobre as rachadinhas no gabinete de Flávio Bolsonaro. Ele estava em Atibaia, no interior de São Paulo, no sítio que pertencia a um amigo da família Bolsonaro, Frederick Wassef, advogado de Flávio (MANSO, p. 68).

Adriano da Nóbrega foi morto em fevereiro de 2020, passou por duas necropsias indicando dois tiros de fuzil, disparados a, no mínimo, um metro e meio de distância. Laudo do Instituto Médico Legal do Rio indicou ainda que ele tinha nas costelas fraturas compatíveis com tiros e não apresentava “lesões violentas” que poderiam indicar tortura.

Capitão Adriano estava foragido desde 2019, mas vinha sendo alvo de denúncias por práticas criminosas desde 2003. Naquele ano, ele e Fabrizio Queiroz foram acusados pela morte de um técnico de refrigeração, em operação policial realizada na Cidade de Deus. No ano seguinte, foi preso acusado de matar um guardador de carros, sendo inocentado e solto dois anos depois. Posteriormente, foi processado por suspeita de participação em pelo menos mais dois homicídios, relacionados a bicheiros. Acabou expulso da Polícia Militar em 2013, mas sem condenações.

Marielle Franco e Anderson Gomes foram mortos na noite de 14 de março de 2018, quando o carro em que estavam foi atingido por 13 disparos, feitos de um outro carro que os seguia desde o bairro da Lapa, no Rio de Janeiro onde a vereadora havia participado de um encontro político. Os ex-PMs Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz foram presos, quase um ano depois, em 12 de março de 2019, como executores do assassinato e continuam presos à espera de julgamento. Ambos negam participação nos crimes.

Ronnie Lessa morava na casa registrada com os números 65 e 66 no Condomínio Vivendas da Barra, onde o presidente Jair Bolsonaro (PL) tem um imóvel, a casa 58. No dia 14 de junho de 2019 os pais e familiares da vereadora Marielle Franco, a viúva de Marielle, vereadora Mônica Benício (PSOL), e representantes do Instituto Marielle Franco, da Justiça Global, da Terra de Direitos e da Anistia Internacional Brasil estiveram em frente ao Ministério Público do Rio de Janeiro, no centro da cidade, para questionar as interferências nas investigações das mortes da vereadora e do motorista Anderson Gomes.

Esta obra coloca a luz sobre uma face sombria da experiência nacional que passou ao centro do palco com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência em 2018. A milícia é um poder paralelo, que não integra as forças armadas ou de polícia de um país, composta por militares, paramilitares ou civis armados. De acordo com a Anistia Internacional, as milícias utilizam da força para extorquir a população em determinados territórios urbanos ao redor do mundo.

Dos esquadrões da morte formados nos anos 1960 ao domínio do tráfico nos anos 1980 e 1990, dos porões da ditadura militar às máfias de caça-níquel, da ascensão do modelo de negócios miliciano ao assassinato de Marielle Franco, a democracia imperfeita, na qual o Brasil está inserido, é resultado de uma longa disputa de poder e ascensão, no qual os que comandam buscam tentar mascarar-la. Essa atitude só suprime, cada vez mais, o poder do povo, que é subjugado aos interesses daqueles que estão no comando.

O autor argumenta que falta muito para que o exercício completo da cidadania seja concretizado. Mas, a inspiração não morre. O processo de redemocratização, no Brasil, está acontecendo e, aos poucos, o povo brasileiro ultrapassará as barreiras que separam o Brasil de uma democracia imperfeita, para um país de democracia plena.